



Estudo exploratório do Facebook como recurso pedagógico: relatos de uma pesquisa participante no contexto do Ensino Superior¹

Dilane MIRANDA²

Maria Eduarda FIGUEIREDO³

Marcelo SABBATINI⁴

Universidade Federal de Pernambuco, UFPE

RESUMO

A utilização das redes sociais no âmbito educacional tem causado a recusa por parte de professores conservadores no que tange a transformação da prática pedagógica. Contudo, a disseminação da cultura digital exige uma nova postura do docente e das instituições. Diante destas considerações, analisamos a utilização do Facebook como recurso pedagógico na esfera universitária. Mediante a observação participante no contexto da disciplina Fundamentos da Educação, ministrada para licenciaturas diversas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), encontramos que além de configurar um novo espaço pedagógico híbrido presencial-virtual, a experiência levou a resultados positivos em categorias como dialogia, meta-reflexão e autoria na cultura digital.

PALAVRAS-CHAVE: tecnologia educacional; cultura digital; mídias sociais; Facebook; fundamentos da educação.

Introdução

A complexidade presente na implantação de mídias, redes sociais e demais meios de caráter tecnológico/comunicacional no processo de educação podem – e grande é esta tendência – intimidar e provocar a resistência de alguns professores, sobretudo os mais ortodoxos e implacáveis quanto às mudanças na prática pedagógica. Há ainda a preocupação de uma transformação negativa no âmbito da linguagem e da cultura. Entretanto, a inserção da cultura digital na educação, ou vice-versa, cresce progressivamente, e numa velocidade considerável, fator que evidencia a necessidade, e torna impreterível a adaptação do educador e sua inserção nesse universo virtual.

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, email: dilanemiranda@gmail.com.

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, email: contato.eduardafigueiredo@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, email: marcelo.sabbatini@ufpe.br.



O Facebook, a princípio acessível somente para os alunos da Universidade de Harvard foi aberto ao público em 2006, com uma popularidade progressivamente conquistada desde então. De certa forma, seu impacto como ferramenta complementar às práticas didáticas pode causar desconforto, tanto para alunos, quanto para professores. De maneira um tanto invasiva, professores não só estão presentes na sala de aula, como também agora fazem parte de um meio em que o cotidiano do aluno é retratado e observado através das postagens. O que seria normal numa rede desse caráter, não fosse a relação culturalmente distante que parece existir entre aluno e professor⁵. Por outro lado, possibilita a confluência de dois espaços, o social informal e o acadêmico.

A praticidade da rede social implica numa ampliação de recursos que podem facilitar o ensino-aprendizagem, contudo, é preciso que o educador esteja apto a adotar esta ferramenta como objeto auxiliador, o que não implica na submissão ou defasagem dos antigos meios. É necessário que se compreenda o Facebook como um colaborador nas atividades e que a popularidade da rede seja encarada como ponto positivo, visto que grupos criados para fins educacionais e que os alunos – ou grande parte deles – estão familiarizados com a ferramenta. Assim, o fluxo de acesso à informação e a realização de atividades tornam-se mais fluidas, adaptando-se ao mundo do estudante, que não só usará a rede social para o lazer, como também para práticas interdisciplinares no âmbito educacional (PHILLIPS, BAIRD & FOG, 2011).

Contudo, também cabe considerar em que medida a aplicação do Facebook à educação não configura um modismo. Para Romizowski (2003), o processo de difusão de tecnologias educacionais segue o “modelo da fênix”, com o “crescimento meteórico na visibilidade e popularidade”, seguido de um ponto máximo a partir do qual estagna, seguido de um “decréscimo desastroso” e, logo após, de uma breve recuperação. De forma similar a quantificação dos trabalhos científico-acadêmicos sobre esta tecnologia também parece obedecer a um padrão, de crescimento lento no início, explosão súbita, para logo descender a um patamar constante. A explicação para este ciclo, observado, por exemplo, na instrução programada e na televisão educativa, estaria no “entusiasmo contagioso” causado pela nova tecnologia, levando a financiamento de projetos. A falta de planejamento e/ou de entendimento em relação ao uso pedagógico e os resultados

⁵ Especificamente em relação ao uso do Facebook como recurso educacional, esta hipótese é levantada recorrentemente pelo professor e pesquisador Sergio Abranches, do Grupo de Estudos em Novas Tecnologias da Educação (GENTE), da Universidade Federal de Pernambuco.



inexpressivos levariam ao declínio. Após um tempo, e com experiência e maturidade acumulados, os projetos sobreviventes se destacam, num renascimento análogo ao deste pássaro mitológico. Este autor também aponto o foco na tecnologia em si, mais que em sua concepção pedagógica, como um dos fatores que levam ao fracasso das inovações.

Dessa forma, buscando superar um discurso que promove a “falsa esperança de algo que, provavelmente não vai se realizar” (ROMIZOWSKI, 2003), ou seja, a solução de todas as mazelas da educação, temos como objetivo principal explorar o potencial pedagógico do Facebook no contexto do ensino superior, a partir da análise de uma experiência educativa vivida pelas autoras. Como objetivos específicos, buscamos identificar os locais de atuação da mídia social e da cultura digital no processo educativo, categorizar as barreiras para sua aplicação e, por fim, relacionar estes pontos com a concepção dos próprios alunos a respeito do uso da tecnologia educacional.

Fundamentação teórica

Diante da emergência de novas formas de sociabilidade, Pesce (2011, p. 15) sintetiza algumas reflexões sobre a “contribuição da cibercultura para o avanço qualitativo” da educação mediada tecnologicamente: (1) adoção de uma lógica que “não a instrumental, pragmática e prescritiva”, (2) a ampliação da perspectiva de alteridade, ao deflagrar a convivência de pessoas de múltiplas origens culturais; (3) a possibilidade de trabalho com as dimensões imagéticas, textuais e sonoras da linguagem, de acordo com vários estilos de aprendizagem; (4) a meta-reflexão, a partir dos registros das interações produzidas nos espaços virtuais, como capa adicional no processo de construção do conhecimento e (5) a “vivência plena da dialogia digital e da mediação partilhada”, possibilitada pelos meios tecnológicos, com a criação de comunidades de aprendizagem.

Por sua vez, Marco Silva (2011, p. 20-21), em uma síntese de sua proposta de docência interativa e dialógica, enumera as seguintes “atitudes comunicacionais”: (1) acionar a participação-intervenção do receptor, no sentido de que este último interfira na mensagem; (2) estabelecer um processo comunicativo bidirecional, reconhecendo que o “o emissor é receptor em potencial e o receptor é emissor em potencial”; (3) estabelecer redes de articulação, “permitindo ao receptor ampla liberdade de associações, de significações”; (4) fomentar a cooperação, em processos cocriativos entre professor e



aluno; (5) cultivar o confronto de subjetividades, sob a premissa de que o debate “livre e plural supõe lidar com as diferenças na construção da tolerância e da democracia”; (6) buscar uma riqueza de funcionalidades específicas, como a intertextualidade, a intratextualidade, a multivocalidade (vários pontos de vista) e a convergência de vários suportes de mídia; (7) fomentar a cooperação na elaboração de formas, instrumentos e critérios de avaliação, numa perspectiva de avaliação contínua. Ainda que o foco do trabalho deste autor seja a educação a distância (EaD), atualizada para o conceito de educação *online*, o contexto geral da cibercultura predispõe à “múltiplas expressões” e à provocação de “situações de inquietação criadora”.

Estas práticas, entretanto, também possuem um sentido político, na medida que Pretto (2008) assinala que na era que vivemos a produção de informação e conhecimento é “a condição para transformar a atual ordem social. Produzir de forma descentralizada e de maneira não-formatada ou preconcebida. Produzir e ocupar espaços, todos os espaços, através da rede”.

Contudo, e apesar de as redes sociais integraram o cotidiano de uma geração, ainda existe uma notória resistência da parte das instituições que preservam o tradicionalismo como observa Lorenzo (2011), ao identificar seu entendimento como “elemento de distração”, com o consequente bloqueio ou proibição de seu uso pelos alunos nas escolas. Na maior parte das instituições de ensino o acesso a essas páginas é bloqueado para os alunos. A exploração de seu potencial demandaria o “planejamento de uso com critérios, ética e responsabilidade”.

Outro ponto recorrente na análise da incorporação da tecnologia ao processo educativo diz respeito à perda da significação original deste recurso, do ponto de vista do aluno. Exemplificando, um jogo digital, perde seu poder de atração no contexto de sala de aula, quando se tornar uma atividade obrigatória, com expectativas de desempenho associadas. Contudo, segundo os dados de Brescia e Costa (2012, p. 15), os alunos “não se sentem ‘invadidos’ em sua intimidade pelos professores que participam ativamente dos grupos analisados”.

Realizadas estas considerações iniciais, levantamos algumas pesquisas voltadas a explorar o potencial pedagógico do Facebook no ensino superior



Autor(es)	Objetivos	Metodologia	Categorias de análise
Alves & Araújo (2013)	Identificar percepções dos alunos referentes ao Moodle e o Facebook na educação formal e presencial	Abordagem qualitativa Estudo de caso realizado num curso presencial de pedagogia numa universidade pública; Observação sistemática das participações e interações Questionários <i>online</i>	Conhecimento e uso do Facebook Dificuldades e vantagens no uso do Facebook Grau de interatividade no Facebook;
Brescia & Costa (2012)	Analisar como educadores utilizam Facebook e respectiva percepção dos alunos	Observação de cinco grupos em diferentes níveis educacionais Aplicação de questionários aos alunos	Perfil de uso das redes sociais Interação professor-aluno “Construção colaborativa”
Camêlo (2012)	Avaliar aspectos positivos e negativos do Facebook no processo de ensino-aprendizagem, bem como o envolvimento dos sujeitos nestes processos	Pesquisa-ação ou participante (não especificado pela autora) Questionário ao final da intervenção	Relacionamento aluno-professor “Aprender mais ou menos com Facebook” Frequência de participação Participação em aula virtual, presencial e extraclasse
Cavalcante, Oliveira & Jatene (2013)	Refletir acerca do uso de novas tecnologias e redes sociais como ferramentas educacionais	Utilização do Facebook em um projeto de educação à distância; criação de grupos, <i>fanpages</i> e perfis Aprimoramento da formação universitária na região da Amazônia.	Rendimento dos graduandos
Ferreira & Cunha (2013)	Relacionar projeto Facefólio com referências de Portfólio da Aprendizagem	Criação de grupos fechados no Facebook	Papel do Facebook na autoprodução de conhecimento Reflexão sobre o aprendizado motivada pela criação dos portfólios.
Juliani <i>et. al.</i> (2012)	Analisar o suporte oferecido por redes sociais, com atenção ao <i>Facebook</i> , para atividades educacionais	Abordagem qualitativa Disciplina de informática básica com 30 alunos.	Obstáculos relacionados com a cobertura de Internet e privacidade Planejamento para o uso das redes sociais como suporte
Pereira, Espíndola & Alves (2013)	Avaliar a relevância de um grupo fechado no Facebook para a construção do conhecimento	Abordagem quantitativa; Aplicação de um questionário estruturado via <i>email</i>	Distância geográfica como barreira Participação colaborativa



Silva <i>et. al.</i> (2012)	Analisar, comparativamente, Orkut e Facebook Identificar possibilidades de formação de identidades	Análise dos questionários de criação de perfis nas redes sociais, de comunidades e das diferentes ferramentas	Construção de identidade na rede social
Silva (2013)	Descrever a prática de escrita e leitura dos universitários no Facebook.	Observação <i>in loco</i> Questionário	Prática discursiva Variações linguísticas

Quadro 1 – Síntese das pesquisas sobre Facebook no ensino superior

Percursos metodológico

Foram dois gritos diferentes, porém relacionados que marcaram o ano de 2013: “o Brasil acordou” e “o campeão voltou”. Em cerca de um mês, entre os dias 6 de junho, com a primeira de significativas manifestações populares logo conhecidas como a “revolta do vinagre”, e o final da Copa das Confederações no dia 2 de julho, o país se viu sacudido por protestos que englobavam uma insatisfação reprimida. Mais além dos “vinte centavos” do aumento das passagens de ônibus, o descaso governamental com a saúde e educação, a corrupção e o deterioro da situação política eram os motes. Ao mesmo tempo, a atenção se voltava para a “paixão nacional”, o futebol, com a realização desta competição internacional. Em comum, a preocupação com os gastos realizados para a preparação da Copa do Mundo 2014 inflamava as manifestações.

Mas se esta turbulência social afetou praticamente todo o território nacional, Recife a sentiu mais intensamente. Além da manifestação popular do dia 17 de junho, conjuntamente a outras doze cidades brasileiras, a mobilidade urbana naturalmente caótica da capital pernambucana era impactada pelos três jogos da Arena Pernambuco⁶. Como tempero adicional, os alagamentos causados pela estação de chuvas e as greves no transporte público levavam a um pensamento coletivo único: “imagina na Copa!”.

Em meio a tudo isso, professores e alunos da UFPE se digladiavam a cada dia para cumprir o calendário acadêmico, atípico devido à mobilização docente de 2012: cancelamentos das aulas⁷, ou simplesmente, à impossibilidade física de realizar

⁶ Espanha vs. Uruguai (16 de junho), Itália vs. Japão (19 de junho) e Uruguai vs. Taiti (23 de junho).

⁷ Além dos problemas mencionados de mobilidade, o calendário acadêmico da UFPE se veria ainda mais prejudicado, com o campus Recife servindo de estacionamento para os torcedores, depois que graves problemas de acesso ao estádio ocasionassem críticas à organização local do evento (ESTACIONAMENTO DA UFPE FOI APROVADO PELA TORCIDA, 2013).



presencialmente as atividades planejadas (CHUVA É MOTIVO, 2013; UFPE E UFRPE VOLTAM A SUSPENDER AULAS, 2013). É neste contexto que analisamos a proposta de uma experiência educativa baseada no Facebook, que teve como uma de suas principais motivações superar este dilema, com o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) aplicadas à educação. Como justificativa, tanto a quebra dos limites de espaço e de tempo que é característica destas tecnologias, como seu potencial para fomentar certas características do processo de ensino e aprendizagem (MORAN, 2008).

Dessa forma, a disciplina “SF-451 Fundamentos da Educação” é oferecida pelo Centro de Educação desta universidade, a alunos de licenciaturas diversas, como componente pedagógico da formação de futuros professores. Em sua ementa, encontramos a proposta uma “análise e discussão do fenômeno educativo”, tendo como objetivo instrumentalizar o aluno para a “compreensão de sua formação e prática como educador e para o enfrentamento teórico-prático das principais questões relativas à educação brasileira numa perspectiva crítica e transformadora” (UFPE, 2013).

Já o plano de disciplina específico do professor Marcelo Sabbatini mencionava, como ponto do conteúdo programático o “Panorama histórico do pensamento pedagógico”, sem maior detalhamento. Posteriormente, o docente explicou a nós, alunos da turma 5G, composta essencialmente de licenciandos do curso de Letras – Português, que se tratava de um seminário, cujo objetivo seria realizar um balanço do desenvolvimento do pensamento pedagógico ao longo do tempo, tendo em consideração como a educação se relaciona com seu contexto mais amplo, em termos políticos, econômicos e sociais. A realização desta atividade, com a classe dividida em grupos de trabalho colaborativo, supunha em sua concepção original a realização de um breve perfil biográfico de um pensador “clássico” dos fundamentos da educação⁸, assim como do contexto histórico no qual viveu e desenvolveu sua obra. Um segundo ponto seria a apresentação de sua contribuição específica para a ciência pedagógica, finalizando com uma avaliação da atualidade e da relevância deste pensamento.

⁸ Comênio, John Dewey, Anísio Teixeira, Maria Montessori, Antonio Gramsci, Herbart, Rousseau e Nísia Floresta foram alguns novos usuários do Facebook. Por seu lado, o professor Marcelo Sabbatini também quis experimentar a metodologia do ponto de vista da criação, assumindo o perfil do grande crítico da escolarização, Ivan Illich, atendendo à cocriação da qual nos fala Silva (2011).



Diante da situação apresentada, recebemos a proposta de fazê-lo virtualmente. E mais além de realizá-lo através de um fórum de discussões ou de um “chat”, tivemos a opção de fazê-lo de forma “inovadora”, segundo os termos do professor. Para isso, ao invés da apresentação das informações de forma diretiva, tradicional, cada grupo estaria incumbido criar o perfil de seu pensador no Facebook, refletindo nele os aspectos solicitados. Como inspiração desta abordagem, podemos localizar o trabalho de Paulo Alexandre Filho, professor de História na rede pública de ensino em Pernambuco, que utilizou o Facebook para reproduzir, de forma inusitada, a Segunda Guerra Mundial⁹.

Antes de proceder à análise da experiência, cabe uma observação relevante: a plataforma de mídia social Facebook já vinha sendo utilizada na disciplina, na forma de um grupo fechado criado pelo professor. No momento descrito, este grupo era bastante utilizado, com fluxos de comunicação bidirecionais professor-aluno e alunos-alunos. Fornecimento de material do curso e indicações bibliográficas de leitura, compartilhamento de informações de interesse à disciplina, comentários sobre as manifestações, e sobretudo avisos a respeito da realização ou não das aulas chegavam a maior parte da classe, previamente cadastrada através de seus perfis pessoais.

Relacionada à natureza exploratória de nossos objetivos de pesquisa, utilizamos uma abordagem qualitativa, na medida que buscamos compreender os significados subjetivos, em termos das motivações, atitudes, percepções e sentimentos nas experiências pessoais dos alunos envolvidos na proposta. Ainda em relação ao método, nossa opção é pela observação participante, justificada por sua própria definição. Assim, ao sermos alunas da disciplina e ao participarmos da atividade em questão, assumimos um duplo papel, experimentando em primeira mão a realidade a ser estudada, interagindo com os outros integrantes do grupo, mas, ao mesmo tempo, mantendo um posicionamento crítico a respeito do fenômeno a ser estudado.

Nosso comprometimento e julgamento como observadoras, mais que um viés a ser evitado, na perspectiva da abordagem qualitativa constitui sua essência, ao assumir um paradigma holístico, com o ser humano em relação aberta e mútua com seus semelhantes. Além disso, na perspectiva epistemológica a pesquisa qualitativa assume

⁹Como uma conta para cada país participante do conflito e de personagens marcantes da época, como Adolf Hitler e Stalin, o professor retratou a interação entre eles, usando gírias e expressões atuais, despertando interesse e curiosidade. Uma abordagem semelhante é a do site humorístico Kibe Loco, com sua série Status.



que o conhecimento não pode ser dissociado do sujeito, não havendo realidade objetiva pré-definida (MAYKUT & MOREHOUSE, 1994).

Para maior caracterização, efetuamos uma observação participante não-declarada, isto é, sem anunciar aos outros participantes nosso papel de observadores, mas desempenhando as mesmas atividades. Assim, a presença do pesquisador sempre supõe um contexto de artificialidade, mesmo na pesquisa qualitativa, e algum tipo de viés. A opção pela não declaração teve como objetivo reduzi-los (TRIVIÑOS, 2006).

Na captação da realidade objetiva, utilizamos a análise dos perfis criados, assim como o registro das mensagens trocadas entre os integrantes do grupo e entre os diferentes grupos, em diversos canais (comunicação pessoal, correio eletrônico, mensagens “inbox” e compartilhamento no Facebook). Para sua análise, partimos das categorias *a priori* identificadas pelo referencial teórico, sem abrir mão porém, de categorias emergentes a partir dos dados, na perspectiva indutiva.

Resultados e discussão

Inserida num processo metonímico de “ensinar fundamentos da educação utilizando-se da própria educação e de seus fundamentos”, a disciplina e seu plano de curso ofereciam subsídios para que fossem trabalhados em sala de aula conteúdos basilares na formação de um educador, visto que se tratava de uma turma de licenciatura. Entretanto, como já citado anteriormente, não foram poucas as contingências que surgiram no decorrer do curso, com prejuízo de aulas e atividades. Visto isso, destaquemos o papel fundamental da rede social, mais objetivamente o Facebook, no apoio para a continuidade da disciplina.

Embora as redes sociais estejam sendo utilizadas impetuosamente no processo de ensino, foi a primeira experiência da turma, desde o início do curso, de comunicação bidirecional entre professor-aluno. O grupo criado inicialmente pelo professor Marcelo Sabbatini e restrito à turma servia para promover discussões e interagir assiduamente com os alunos (CAMELO, 2012; PEREIRA, ESPÍNDOLA & ALVES, 2013). Dessa forma, ao contrário de algumas das pesquisas levantadas, a familiaridade e o uso da ferramenta foram assumidas como existentes. Mais além contexto da sala de aula,



materiais extracurriculares e interdisciplinares, suscitaram uma reorganização nas nossas relações – já que muitas vezes os encontros presenciais não puderam ser executados – e auxiliou o professor na mediação da disciplina¹⁰.

Especificamente em relação ao seminário virtual, para refutar uma possível noção de que todos foram de acordo com a atividade, ressaltamos dois alunos que, por escolha, não eram usuários do Facebook. Um deles, que optava por não usar o site de relacionamento, cedeu à criação de uma conta, somente para interagir e participar da atividade. Entretanto, o segundo, engenheiro formado, funcionário público já em sua meia-idade e cursando sua segunda graduação, foi implacável e resistiu à integração nesse ciberespaço. talvez por acreditar que cultura digital, redes sociais e educação não se misturam. Um pensamento um tanto retrógrado – grifo nosso – mas respeitado, de modo que para ele foi elaborada uma atividade especial de avaliação.

Sobre essa reação do aluno, levantamos a hipótese, a partir de seu comportamento, que sua visão acerca dessa instrumentalização tecnológica do “aprender”, além da invasão da tecnologia e das mudanças que esta vem causando, sobretudo socialmente, é a de que esses fatores interfiram nas relações sociais, de modo que sejam capazes de substituir, nesse caso, o professor e/ou as tradicionais práticas educacionais. De fato, são inegáveis as mudanças, mas devemos convir que, se por um lado, essa cultura digital pode provocar repúdio e recusa por parte dessa visão humanista de que a tecnologia pode ser a “queda” do homem, por outro, ela nos auxilia e nos proporciona avanços, em todos os campos. O que o aluno não levou em consideração foi que, independente do suporte, meio pelo qual aplicaríamos as atividades – nesse caso, por meio do Facebook – os conteúdos e objetivos permaneceriam os mesmos: promover o conhecimento. Finalmente, sua participação teria estimulado a ampliação da alteridade (PESCE, 2011), com a interação da cultura digital assumida por maior parte dos alunos com seu tradicionalismo.

Um item que vale ser ressaltado é a opção de “compartilhamento” que a rede oferece, cuja função é publicar em seu mural algo que advém de outra página ou perfil. Agora imaginemos que, cada aluno participante de um determinado grupo compartilhasse uma

¹⁰Também sentimos que a linguagem utilizada no grupo, apesar de se tratar de um grupo para fins acadêmicos, não era a da formalidade que muitas vezes caracteriza o ensino superior; esta poderia intimidar alguns alunos, que logo se sentiram mais livres para interagir.



informação, acrescentando conteúdos de sua bagagem cultural, a uma certa quantidade de pessoas. Levando em consideração a dimensão conquistada pelo Facebook, este caráter político de criação de uma voz pública, resgatando Pretto (2008) nos parece um motivo para entendê-lo como ferramenta pedagógica válida.

No grupo, a colaboração dos alunos é essencial. De nada adianta visualizar a publicação do professor ou do colega de turma, se não houver interação. Visto isso, vale lembrar que, se por um lado os dispositivos móveis permitem acesso ubíquo à Rede, por outro, há alunos desprovidos deste recurso, levantando assim uma possível barreira. Diante disso, ressalta-se a importância de haver um planejamento e preparação por parte do professor que se habilita a usar o Facebook como ferramenta pedagógica (LORENZO, 2011), de sorte que nenhum aluno seja excluído e/ou sofra um deficit de conteúdo.

A criação do perfil no Facebook foi, apesar de parecer simples a princípio, demasiadamente curiosa. Além de pesquisas sobre o pensador e respectivo contexto em que vivia, era necessário criar mais que um perfil, e sim, uma identidade (SILVA *et. al.*, 2012). Nos sites de relacionamentos isso pode parecer comum, contudo, estávamos, além de criando um perfil falso, um *fake*, desrespeitando os termos de uso rede social¹¹ (PHILLIPS, BAIRD & FOGG, 2011), criando uma personalidade que não a nossa. A pouca informação sobre cada pensador, em termos das diversas dimensões da linguagem (sobretudo imagética) foram uma dificuldade neste sentido. Mas de forma geral, a experiência serviu como uma oportunidade de autoria no contexto da cultura digital, reforçando habilidades já dispostas pelos alunos.

Mas as publicações com conteúdo próprio do pensador, como se fossem suas próprias publicações, situado no tempo em que viveram, foram constantes. Cada autor seguia uma linha teórica e era adepto de uma visão política e social diferente, o que ampliava o conhecimento dos alunos ao visitarem os perfis de outros pensadores criados pelos demais grupos de alunos.

¹¹Ainda como desafio operacional, destacamos a necessidade de utilizar um endereço de correio eletrônico válido para a abertura da conta. Em relação aos dados pessoais, alguns perfis puderam inserir a data de nascimento exata do pensador em questão; já outros ficaram impossibilitados, pois o Facebook não contempla que um usuário possa ter 421 anos, assim como Comênio teria na época do seminário! Além disso, conforme observação do professor Sergio Abranches esta atividade poderia ter repercussões éticas e até mesmo legais, no caso de ser realizada com pensadores vivos, em cujo caso o perfil *fake*



Inicialmente, o professor havia elaborado junto com a turma a possibilidade de que os perfis interagissem entre si, por exemplo em relações de similaridade ou de antagonismo do pensamento pedagógico de cada um, como forma de sintetizar o “panorama”. Entretanto, esta dimensão não foi plenamente realizada, devido à falta de estruturação, isto é, da definição de tarefas específicas, com prazos específicos. Neste sentido, a experiência reitera o resultado de pesquisas anteriores, destacando a necessidade da mediação pedagógica por parte do professor e se afastando da visão de que a tecnologia, por si só, é capaz de formar sujeitos colaborativos e responsáveis pela construção de seu próprio conhecimento.

Neste mesmo sentido, ao ser entrevistado para esta pesquisa, nosso professor, lamentou não poder ter planejado melhor a atividade, visto que seria possível a criação de perfis de mais de vinte pensadores diferentes, sem repetição. O motivo para isto, o fato de realizar a mesma atividade em uma turma da mesma disciplina da manhã. Caso houvesse um seminário conjunto, como ele expressou depois, a atividade teria servido para quebrar um limite mais, além do espaço-tempo, as barreiras institucionais da educação formal, com a divisão arbitrária de classes e períodos, na perspectiva dos novos espaços educacionais, híbridos, que as TIC possibilitam.

Por último, o seminário também previa uma síntese pessoal de cada aluno, a ser formalizada como atividade do portfólio. Mais que um simples conjunto, o portfólio objetivava a reflexão das atividades e conteúdos expostos e discutidos nas aulas presenciais. Ainda que as atividades tivessem sido trabalhadas em grupo, cada integrante precisava produzir seu próprio portfólio, de sorte que houvesse, além da demonstração de assimilação do conceito, a formação de um posicionamento crítica e reflexivo, assim como proposto pela disciplina. Dessa forma, o registro da atividade nos perfis criados, assim como as orientações e debates realizados no grupo da disciplina proporcionaram os elementos de meta-reflexão que foram destacados por Silva (2011) como elemento da cibercultura educacional.

Assim, o uso do Facebook na disciplina foi fundamental para a conclusão dos trabalhos e para o contínuo contato entre a turma e o professor quando não foi possível a ministração das aulas presenciais. Em nenhum momento houve a substituição do professor pela máquina, mas sim, a veiculação de suas aulas e conteúdos por meio de



outra plataforma, expandindo a sala de aula por onde estivéssemos, como concebe Moran (2008). Ainda que não planejada previamente e com todos os fatores que poderiam impedir a finalização da disciplina, foi uma experiência singular e, sabemos, tendo em vista a aceitação da turma, serão atividades reproduzidas, não mais como alunos, mas como futuros educadores.

Considerações

Neste artigo buscamos analisar o uso de uma rede social no âmbito do ensino e aprendizagem no ensino superior. Pudemos identificar, mediante as fontes bibliográficas das quais tivemos acesso, a semelhança existente entre as pesquisas e o resultado da experiência obtida com a disciplina de fundamentos da educação, tendo a oportunidade de vivenciar e relatar a relevância da utilização do Facebook para este fim.

Chegamos à visão, pois, que as TIC estão transformando potencialmente âmbitos da sociedade, especialmente o educacional. Foi feita uma constatação acerca da facilitação e da amplitude que o ciberespaço nos oferece, bem como as dificuldades acarretadas pela quebra do convencional.

A atuação que tivemos como alunas e pesquisadoras, concomitantemente, nos proporcionou analisar o comportamento dos demais alunos diante da inovação na didática da disciplina, que foi aceita pela grande maioria e gerou os frutos desejados: o conhecimento e a interação sistematizada tanto entre professor-aluno, quanto aluno-aluno.

Destacamos também que o grupo criado para a disciplina, no Facebook, não foi excluído ao final do período, desta forma, a troca de informações continua ativa, já que a educação e o conhecimento são contínuos e ininterruptos.

Já nossa visão como alunas, não poderia ser discrepante, a rede social muito nos auxiliou, sobretudo pela velocidade na troca de informações. Arquivos, trabalhos, dúvidas, chats, discussões sobre assuntos diversos, troca de opiniões, diálogos com o professor, tudo coube em um só lugar, encurtando espaços, desmitificando conceitos e construindo, além de uma progressiva relação, uma verdadeira rede social, assim, na sua essência.



Referências

ALVES, Thelma Panerai; ARAÚJO, Renata Kelly Souza. O Moodle e o Facebook como ambientes pedagógicos: concepções discentes acerca do uso destes ambientes. **Em Teia** [online], Recife, v. 4, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.gente.eti.br/revistas/index.php/emteia/article/view/143/pdf_26>. Acesso em 7 mar. 2014.

BRESCIA, Amanda Tolomeli; COSTA, José Wilson da. As possibilidades pedagógicas do Facebook. In: In: 4^o Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Informação. Recife, 13 a 15 de novembro de 2012. **Anais eletrônicos**. Recife: NEHTE UFPE, 2012.

CAMÊLO, Polyanna. Facebook em práticas pedagógicas na educação superior presencial. In: In: 4^o Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Informação. Recife, 13 a 15 de novembro de 2012. **Anais eletrônicos**. Recife: NEHTE UFPE, 2012.

CAVALCANTE, Helaine Ferreira; OLIVEIRA, Igor Silva; JATENE, Íris de Araújo. Projeto Newton e as redes sociais: a comunicação e o uso do Facebook no processo educacional na UFPA. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, 4 a 7 set. 2014. **Anais...São Paulo: INTERCOM, 2013.**

CHUVA É MOTIVO para suspensão das aulas. **LeiaJá** [online], 17 maio 2013. Disponível em: <<http://www.leiaja.com/carreiras/2013/chuva-e-motivo-para-suspensao-das-aulas>>. Acesso em 31 mar. 2014.

ESTACIONAMENTO DA UFPE FOI APROVADO PELA TORCIDA na ida à Arena Pernambuco. **Rádio Jornal de Pernambuco**, Alternativa, 20 jun. 2013.

FERREIRA, Indiará, CUNHA, Cíntia Cerqueira. Educação colaborativa: o Facebook como motivação no ensino superior presencial. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 3 a 5 de julho de 2013. **Anais...São Paulo: INTERCOM, 2013.**

JULIANI, Douglas Paulesky *et. al.* Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. **RENOTE – Revista Novas Tecnologias na Educação** [online], Porto Alegre, v. 3, n. 10, dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/36434/23529>>. Acesso em 7 mar. 2014.

LORENZO M. E. A utilização das redes sociais na educação, 2011. Disponível em: <http://www.clubedeautores.com.br/book/50369--A_Utilizacao_das_Redessociais_na_Educacao>. Acesso em 29 de junho de 2012.

MAYKUT, Pamela; MOREHOUSE, Richard. **Beginning qualitative research: a philosophic and practical guide**. Londre-Filadélfia: Falmer Press, 1994.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2008.

PEREIRA, Angela Maria de Almeida; ESPÍNDOLA, Joice de; ALVES, Thelma Panerai. Grupos fechados na rede social Facebook: um estudo no âmbito da comunicação e do apoio



ooo

acadêmico. In: 5^o Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Informação. Recife, 13 a 15 de novembro de 2013. **Anais eletrônicos**. NEHTE-UFPE: Recife, 2013.

PESCE, Lucila. EAD: antes e depois da cibercultura. **Cibercultura o que muda na educação. Salto Para o Futuro**, a. 21, boletim 3, p. 10-15, abr. 2011.

PHILLIPS, Linda Fogg; BAIRD, Derek; FOGG, B.D. **Facebook para educadores**. Menlon Park: Facebook, 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/safety/attachment/Facebook%20for%20Educators.pdf>>. Acesso em 31 mar. 2014.

PRETTO, Nelson de Luca; ASSIS, Alessandra. **Cultura digital e educação: redes já!** In: PRETTO, Nelson de Luca; AMADEU, Sergio. (org.). Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

ROMIZOWSKI, A. O futuro do e-learning como inovação educacional: fatores influenciando o sucesso e o fracasso e projetos. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância (RBAAD)** [online], São Paulo, v. 2, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2003_Futuro_E_Learning_Inovacao_Educacional_Alexander_Romiszowski.pdf>. Acesso em 10 nov. 2010.

SILVA, Marcos. A docência e a pesquisa como fundamentos para a docência online. **Cibercultura o que muda na educação. Salto Para o Futuro**, a. 21, boletim 3, p. 16-23, abr. 2011.

SILVA, Clarissa *et. al.* A construção de identidades através das ferramentas das redes sociais. In: VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 3 a 7 dez. 2012. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2012.

SILVA, Liliâne. Repensando as práticas discursivas de estudantes universitários no Facebook. In: 5^o Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Informação. Recife, 13 a 15 de novembro de 2013. **Anais eletrônicos**. NEHTE-UFPE: 2013.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo Atlas, 2006.

UFPE E UFRPE VOLTAM A SUSPENDER AULAS por causa da greve dos rodoviários. **NE10**, Educação, 4 jul. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE. **Relatório de perfil curricular**: curso Letras Português –. Licenciatura:, 28 jun. 2013.

VIEIRA, Lauro. Professor de História recria a 2^a Guerra Mundial no Facebook. **O Globo**, Tópicos de Educação, 5 set. 2013.